Ano VI — Lisboa, Agosto de 1950 — N.º 64

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Que nos poderá trazer a camaradagem escotista?

Não há dúvida que são poderosas as forças que procuram afastar ainda mais os homens uns dos outros; são como a ferrugem que pouco a pouco vai destruindo as mais sólidas estruturas. A sua acção minadora tem conseguido que aquelas virtudes, cuja subtileza tem dignificado o Homem através dos séculos, sejam, nos dias de hoje, em que só o mercantilismo parece contar, espezinhadas a cada instante.

Jacteamo-nos do enorme domínio que alcançámos sobre as forças da Natureza e do poder dos nossos maquinismos, mas esquecemo-nos deploràvelmente da falta de autoridade de uns sobre os outros que cada vez evidenciamos mais, tornando esses inventos e engenhos tão perigosos como o fogo na mão de criancinhas.

E porquê tal estado de coisas? Porque o Homem não está espiritualmente preparado para usar das maravilhas que os seus estudos lhes proporcionaram. A desconfiança que se gera entre eles obriga-os a transformar todos esses conhecimentos numa forte couraça que os proteja de ataques que porventura lhe possam ser dirigidos. Nesta incerteza, os dias tornaram-se angustiosos; o futuro apresenta-se sombrio e até o desânimo começa a invadir o coração dos mais sensíveis.

Diante de um panorama tão desolador, importa aos homens de boa vontade reunir todas as energias latentes para opor um ambiente forte em concórdia, confiança e amizade à onda de descrença, de egoísmo e de dúvida. Eis, pois, uma missão para que o Escotismo está excepcionalmente habilitado.

A educação escotista pode — e isto já pertence aos domínios da realidade — representar um papel preponderante na restauração da fraternidade na Terra. Fazendo prevalecer as suas virtudes sobre tudo o que de mal possa nele existir, o Escotismo prepara um cidadão perfeito, isto é, um valor activo na consecução da felicidade dos povos.

B.-P. apresenta como um dos objectivos do Movimento o *tornar os jovens individualmente eficientes, tanto moral como fisicamente, a fim de utilizar esta eficiência no serviço do próximo.*

Quando esquadrinhamos estas palavras não podemos deixar de observar o sopro divino de que elas estão imbuídas, pois se, como disse N. S. Jesus Cristo, «melhor é dar do que receber», este propósito do Escotismo evidencia o mesmo anseio de colocarmos os nossos préstimos, as nossas forças e saber, ao serviço do próximo, isto é, dá-los, mas sem qualquer outro intuito que não seja o prazer que esse acto em si mesmo encerra.

São homens animados de um tal espírito de boa vontade que o Escotismo oferece para a tarefa admirável do restabelecimento da amizade entre os povos. O Escotismo torna-se para o rapaz um elo que o liga aos escoteiros de todo o mundo, identificando-os, porque cada um deles sabe que todos os outros seguem o mesmo Ideal que ele tanto anela.

Os frutos que se poderão colher deste estado de espírito, apresenta-os B.-P. em traços nítidos quando afirma: «*A nossa Lei diz que o Escoteiro é irmão de todos os outros escoteiros. Viu-se isto bem nestes últimos anos quando o nosso «Jamboree» reuniu milhares de escoteiros de mais de quarenta países diferentes. Os rapazes descobriram que, apesar de virem das mais diferentes nações, tinham os mesmos gostos, as mesmas brincadeiras e, portanto, podiam tornar-se bons amigos*». E noutra ocasião: «*Se nós aumentarmos de ano para ano o número de visitas ao estran-*

(Conclui na 2.ª página)

Concurso de Beleza

Depois de vários «concursozinhos» de ensaio, um grande diário de Lisboa acaba de lançar a iniciativa de um concurso de beleza feminina, com vista a participar no concurso mundial que se efectuará em Itália no próximo ano. Portugal estava há muito tempo afastado destes certames. E era esta a atitude que correspondia às tradições nacionais, já que a mulher portuguesa, apesar da sua formosura natural e castiça, tem em maior valia o primado do espírito e cultiva com mais interesse as virtudes que a tornam a encantadora companheira do homem.

A Beleza para ser perfeita tem de ser completa — física e moral. E, certamente, os dotes de espírito não vão, não podem ir a concurso. A mulher que for eleita «rainha» nunca poderá, pois, representar Portugal. As mulheres mais bonitas da nossa Terra não admitem concursos desse género.

O Mar

Estamos em plena época balnear. É ver por essas praias de Portugal o conjunto vivo de mil e um banhistas, emprestando a esse quadro maravilhoso a beleza dos matizes dos seus fatos de banho. Aqui mergulham, acolá saltitam por entre uma onda mais desabrida. Em todo o lado há alegria e movimento.

O mar foi sempre para os Portugueses uma forte sedução. O azul puríssimo das suas vagas e a brancura imaculada das cristas das ondas a desfazerem-se estrepitosamente nas areias é, em verdade, um quadro da maior riqueza pictórica!

Foi talvez a serenidade grave ou a fúria majestática do seio desse gigante que atraiu a lusa gente a tão grandes feitos através das águas. Como o pequeno David com a funda ante o Golias enorme e aterrador, essa gente em paz e em guerra

A Voz do Chefe



É O AUTODOMÍNIO QUE INDICA OS CAVALHEIROS

«O povo londrino tem uma maneira de saber viver digna de admiração. É capaz de ficar horas a olhar em silêncio o içar de um enorme cofre-forte para o alto de um edifício.

«Mas, reparai, — em silêncio! Sem dar o mínimo conselho aos operários. Grande exemplo de domínio de si mesmo».

É o que diz Pett Ridge do autodomínio e a forma por que ele contribui para as boas maneiras.

O velho William de Wykeham declarou há bastante tempo que «a boa educação é que faz o homem». Ele tinha razão. Para ser um homem é necessário ser cortês, isto é, mostrar deferência, simpatia e um invariável bom humor.

São estas qualidades que farão de ti um gentleman*; diz-se, e com muita razão, que é tão difícil a um duque como a um pedreiro ser* gentleman.

Em certa ocasião joguei ao pólo contra certa equipa que possuía um excelente jogador negro; ele apresentava, porém, um ponto fraco: não tinha um bom carácter e não era gentleman. *Bastava puxar ou agarrar a sua camisola no momento de ele ir bater a bola, coisas permitidas neste jogo, para que ele se encolerizasse e perdesse a cabeça durante o resto da pugna e se tornasse absolutamente inútil ao seu grupo.*

Numa discussão ou num debate acontecerá a mesma coisa; se o teu adversário não se souber dominar, ficará à tua mercê, caso tu saibas conservar a calma.

É o que se dá muitas vezes com a correspondência acerba enviada aos jornais. Tem geralmente espírito mesquinho o homem que se precipita com furor a escrever aos jornais. Age como a criança que diz: «Não quero jogar mais contigo! Vou dizer à mãe».

Lembra-te disto: «Se tens razão, não tens nenhuma necessidade de te encolerizares; se estás sendo injusto, não deves consentir isso a ti mesmo».

Fia-te sòmente nisto: conduz-te como um cavalheiro, com polidez e sangue frio e farás com que sobressaia cada vez mais a carência destas qualidades no teu adversário.

Que nos poderá trazer a camaradagem escotista?

(Conclusão da 1.ª página)

geito, tornaremos pouco a pouco a guerra impossível, porque em todos os países nós seremos camaradas uns dos outros».

Quem, como nós, já pôde erguer a sua tenda num desses inesquecíveis acampamentos, poderá compreender o sentido quase profético desta declaração do grande Chefe. Realmente, que milagres de confraternização e de amizade se conseguem por meio dos *«jamborees»*, verdadeiras fábricas de camaradagem que farão, nós sentimo-lo bem, aproximar cada vez mais os povos!

A amizade, segundo Platão, é um laço entre almas que perseguem o mesmo ideal. O Escotismo ocupa portanto um posto excepcional — nem nós conseguimos vislumbrar outra organização que neste campo se lhe assemelhe — para se conseguir o desejado entendimento entre os homens, numa harmonia tal que envolva a Terra,

Não há ninguém que não deseje ardentemente a sua própria felicidade; cabe aos de boa vontade aproveitar esta disposição que todos patenteiam apontando-lhes o único caminho para a realização desse anseio que é o da consagração dos valores espirituais. Quando os homens forem tocados desse sentimento, quando se sentirem CAMARADAS uns dos outros, poderemos estar certos que dias melhores nos esperam e então poder-nos-emos orgulhar de que acabámos de fazer umas das nossas maiores conquistas.

JOEL RIBEIRO

tão famosa não usava mais que a fragilidade das suas caravelas na luta com tão imenso antagonista.

A herança ficou-nos; hoje, lá vamos aos domingos celebrar as ondas alterosas, e contemplar a amplidão do mar, cujo nome os Portugueses de antanho fizeram famoso e acreditado por todo o mundo.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

CIÊNCIA... E PACIÊNCIA

Um interessante Concurso do "Sempre Pronto,,

Despertou grande interesse o novo concurso do *«Sempre Pronto»*, tendo sido recebidas um bom número de respostas.

Os nossos leitores que queiram tomar parte neste curioso passatempo, poderão ainda fazê-lo, lendo para isso as condições publicadas no último número deste jornal.

PROBLEMA N.º 2

BAR BRA BRA BRI BRO CA CO DAR DE DO DO DRA FU FRA FRA GA GA GA GAZ GRA LA MA MA MA MOR PAN PE PRA PUZ RU SUR TE TEN TO TO TRA TRE

Com as 38 sílabas acima, forme 19 dissílabos de 5 letras cujos significados sejam os seguintes:

1 Clamor
2 Afogueado
3 Argola
4 Pequena lança
5 Ancorado
6 Luta
7 Rápido
8 Maldição
9 Medo
10 Tecido
11 Cuidado
12 Lápida
13 Peixe
14 Froixo
15 Rude
16 Sinal
17 Poeta
18 Alavanca
19 Planta

Com as *terceiras* letras das palavras encontradas forme um provérbio português.

CORRESPONDÊNCIA

J. R. P. — Lisboa. — Sim. As soluções podem ser enviadas em simples postal, quando individuais, isto é, quando de um só concorrente. Concordamos, pois, o escoteiro é *económico*.

Escoteiros Franceses de visita a Portugal

Sete Escoteiros seniores franceses do *Clan de l'Arc* de Paris, dos *Éclaireurs de France*, empreenderam uma magnífica viagem, tendo deixado Paris em 16 de Julho último. Entraram em Espanha pela fronteira de Irun, estiveram em S. Sebastião, percorreram o norte da Espanha, estiveram em Vigo, entraram em Portugal, visitaram o Porto, Coimbra, Leiria (onde cumprimentaram o Chefe do Grupo 35); Batalha, Alcobaça, Nazaré e Lisboa. Aqui percorreram os principais pontos da cidade e visitaram os Museus dos Coches, de Arte Popular, Mosteiro dos Jerónimos, Basílica da Estrela, Torre de Belém, Castelo de S. Jorge, Estufa Fria, etc., etc.. Visitaram Sintra, o seu Castelo e os seus Palácios.

No dia 9 retiraram para Toledo e Madrid, novamente S. Sebastião e contavam estar outra vez em Paris em 15 do corrente.

Acampando, acantonando, utilizando os transportes mais económicos, os sete jovens franceses, estudantes e dois já engenheiros — Raymond Bush, Guy Neymore, Daniel David, Bernard Weil, Gilbert Weil, André Blanchomet e Guia Janine Melet, fizeram uma viagem aventurosa e cheia de encantos.

O "SEMPRE PRONTO,,
Vende-se em Lisboa na
TABAÇARIA BOA HORA
Rua Nova do Almada, 46

E se os discos voadores vêm de Marte?

ANÁLISE CIENTÍFICA ONDE SE PROVA A POSSIBILIDADE DE TAL FACTO

(Conclusão)

(Da revista escotista francesa "Le Routier„)

A vida em Marte não é cientificamente nada impossível

Marte, pelo contrário, oferece-se aos nossos olhares concupiscentes numa encorajante nudez... Os nossos observatórios aplicam-se com denodo, desde há séculos, para quebrar o mistério e sabemos, ainda que por alto, que ali reina uma temperatura média, ligeiramente inferior a zero, que a atmosfera, muitíssimo análoga à nossa, tem uma pressão igual à que reina a 25.000 metros acima do nível dos nossos mares, e que os polos, com a calota sem dúvida gelada, testemunham a existência em Marte de quantidades notáveis de água. Enfim, o seu peso, dado que Marte é mais pequeno do que a Terra, é cerca de três vezes inferior ao peso do nosso planeta.

Em tudo isto não há absolutamente nada que impeça a subsistência da vida ali. O astrónomo Lowell, aqui há bastante tempo, traçou mapas de Marte onde a superfície do planeta estava atravessada por linhas direitas, entrecruzando-se com ângulos constantes, onde ele pretendia ver canais, obra de nossos irmãos marcianos. Cedo se demonstrou ao pobre homem, que era vítima da sua boa vontade, pois os ditos canais, para serem vistos daqui, deveriam ter centenas de quilómetros e que, além disso, se eles fossem traçados por seres pensantes, não se apresentariam a nós como linhas direitas, mas sim como arcos de circunferência, em virtude das leis intangíveis da perspectiva.

Porém, desde 1942, é cada vez menos certa a inexistência de canais em Marte... A roda da moda deu uma volta entre os astrónomos. Segundo os mais intrépidos de entre eles, os canais existem. Têm toda a largura que se lhes atribuía no tempo de Lowell e estes trabalhos gigantescos de engenharia explicam-se pela falta de água na superfície de Marte. Quando vem o Verão, por exemplo, uma parte da calota gelada funde ràpidamente e trata de ir irrigar, num curto espaço de tempo, todo o planeta...

Se, neste domínio, não se avança senão a pequenos passos prudentes, é permitido afirmar-se que... toda a afirmação é prematura. Marte, segundo se presume, é um planeta mais velho que a Terra. Os «homens» (se se ousar dizê-lo) que talvez o habitem, são pois os nossos «irmãos mais velhos». Eles lutam, com todos os recursos de uma técnica avançada, contra condições materiais de existência cada vez mais desfavoráveis. Então eles voltam para nós os seus olhares cheios de inveja; na nossa «casa», em suma, há fogo para aquecermo-nos...

Há, desta maneira, para os nossos vizinhos, dificuldades maiores. Suponha-se resolvido por meio de um escafandro apropriado o problema do ar respirável (o nosso é duma composição química diferente e ainda vinte vezes mais denso) fica ainda o do nosso peso que incomodaria consideràvelmente os Marcianos. Imagine-se um mundo onde um homem normal pesasse, de um momento para o outro, 200 kg.!

Se se supõem os eventuais Marcianos submetidos às mesmas contingências biológicas que nós, forçoso é imaginá-los providos de uma armadura ao mesmo tempo ligeira e sólida, ei-los com uma estrutura comparável à dos insectos, hipótese tanto mais consistente quando pensamos que a sua atmosfera rarefeita torna precário o uso do ouvido (e implicitamente o uso da palavra). Exprimir-se-ão por meio de transmissão de pensamento, isto é, resumindo, graças a uma espécie de posto-rádio natural, dispondo de radar como os morcegos? Tudo é possível.

Resta dizer que, se os discos voadores vêm de Marte, devem resolver um certo número de problemas técnicos.

Como se poderá fazer a ligação interplanetária?

O primeiro problema é o da impulsão para «arrancarem-se» à atracção de Marte; uma só resposta se pode dar no estado actual da *nossa* ciência: o motor nuclear.

Consideremos os nossos visitantes com falta de poder para imaginar outra solução. O disco examinado é em resumo uma asa volante com características aerodinâmicas quase perfeitas. Ei-la saída da zona de atracção de Marte, graças aos reactores. Agora flutua no espaço. O Sol exerce sobre ele uma pressão que nada impede aos Marcianos de utilizar: é gratuita. A energia radial emitida pelo Sol pode bastar para puxar o disco, no vazio quase absoluto que reina entre os planetas, como o vento nas velas de uma caravela. A única razão que obsta ao emprego deste motor ideal sobre a Terra (ou sobre Marte) é a pressão atmosférica que paralisa a pressão luminosa até anulá-la pràticamente. Este «barco à vela» interplanetário precisa de um leme: é o reactor que lho fornecerá. É ele também que fará girar o disco sobre ele próprio, para que uma força centrífuga calculada substitua exactamente a falta de peso.

No interior do engenho haverá uma atmosfera marciana confortável. Ao atingir as primeiras camadas da atmosfera terrestre, o disco pousará ali serenamente, à superfície, sobre o que constitui para ele um verdadeiro oceano de ar. À medida que ele descer, a pressão atmosférica crescente abrandará a sua pressão e o disco torna-se um verdadeiro «submarino» aéreo, pois que a sua pressão interior é vinte vezes menor que aquela que reina fora. Um pequeno movimento do reactor de tempos a tempos bastará para manter a altitude. Mais: o disco poderá planar tranquilamente e percorrer centenas de quilómetros sem despender energia... Em equilíbrio quase estável, goza de uma mobilidade incomparável em todas as direcções, o que não é o caso dos nossos aviões, muito mais pesados do que o ar.

A viagem para Marte seria para nós muito menos simples: a pressão interna dos nossos discos exigiria uma construção muito mais robusta com tal peso que não poderiam beneficiar de semelhantes vantagens de ligeireza.

Pode-se imaginar que os Marcianos, prudentes, preferiram poisar, em primeiro lugar, na face da Lua que nos está sempre escondida... Pode ser que, decorridos séculos, os Marcianos tenham instalado lá, a coberto dos nossos olhares, uma verdadeira cidade de ar condicionado, periòdicamente aprovisionada.

Os famosos discos não puderam ser assinalados, com efeito, senão graças aos instrumentos modernos como o radar. Se um honrado camponês visse passar um disco no céu em 1653, deveria julgar que estava a sonhar ou que tinha a vista enevoada por ter trabalhado demasiado.

Nós atingimos talvez a última etapa da empresa dos Marcianos. Fortes nas suas observações, que têm continuado desde há tempos recuados, preparar-se-ão eles agora para desembarcar nos sítios desertos?

Mas que há então nisso?

Afirmar o contrário é cientìficamente impossível. Sob o ponto de vista filosófico, aliás, pode perguntar-se que direito teria o nosso planeta, sendo um dos satélites mais pequenos de uma estrela mediocre entre tantas outras, de possuir o exclusivo de abrigar um «frágil ser pensante»? Marte é sòmente uma hipótese. A teoria da relatividade generalizada, ensina-nos a considerar o Universo com humildade. Uma viagem através do espaço tornar-se-ia necessàriamente uma viagem através do tempo. Ora, o tempo é um dado essencialmente subjectivo. A duração da nossa vida é talvez para outros seres fixados a dois séculos-luz de nós, o que para nós é a vida de um ser efémero. Por mais longa que seja a viagem de eles até nós, não pode ser avaliada senão em termos de fisiologia. Para um viajante interestelar, o único tempo absoluto ficaria sendo o que é marcado pelo ritmo do seu coração, concebido para dar um número determinado de pancadas. Um homem que percorresse o Universo num aparelho fusiforme envelheceria por exemplo dez anos, ao passo que a sua terra natal envelheceria dez séculos.

É insensato admitir que os discos voadores provenham de um mundo exterior ao nosso sistema solar, primeiro sinal de civilizados que teriam já colonizado os seus próprios vizinhos.

CLAUDE YELNICK

O ESCOTISMO E A RÁDIO

Escoteiro desde 1938, do Grupo n.º 93, de Sintra, este Movimento criou em mim uma tal vontade de servir, que exultei ao ler recentemente na Imprensa a notícia da feliz ideia de se organizar um programa radiofónico sobre o Escotismo.

É certo que a ideia não é nova, pois, recordo-me dum programa deste género, aos microfones da Rádio Continental, há uns 5 ou 6 anos. Mas, agora, renascida pelo nosso camarada Bahia dos Santos, não podia deixar de me merecer a mais entusiástica simpatia, como a todos os escoteiros. De facto, um bom programa, com uma boa montagem, relatando-nos as mais recentes actividades sobre estudos nas próprias sedes dos Grupos, exercícios no campo, passeios culturais, festas, desfiles, aniversários, etc., seria, sem dúvida, um grande passo em frente no caminho que temos o direito de ocupar e saírmos deste silêncio tão sombrio que magoa o coração.

Acrescento que, em princípios deste ano, lembrei-me de organizar no Clube Radiofónico de Portugal, um programa escotista, para o qual contava com a colaboração do Director dos serviços de Rádio do citado posto emissor, e, ainda, com a do maestro João Nobre, que se propôs gentilmente compor novas marchas e canções, dando ao programa uma originalidade que, estou convencido, seria do agrado de todos os escoteiros.

Que me perdoem por não ter levado avante esta minha iniciativa, por dificuldades particulares.

Agora, só nos resta olhar de frente o futuro e não esquecermos que temos por lema as palavras «Sempre Pronto».

Mãos à obra!

Organize-se uma comissão e juntem-se-lhe todas as ideias mais valiosas para a melhor colaboração possível. É, pois, oportuno o momento, e não devemos regatear o nosso aplauso à iniciativa, que, é de esperar, seja superiormente aprovada como uma realização do maior alcance para a expansão escotista e que constitui a mais justa homenagem prestada àqueles que ao Movimento consagraram todo o seu carinho e que ainda hoje nos animam com a sua presença, na Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Não deixemos pois arrefecer, por inacção da nossa parte, uma ideia tão grata aos nossos corações de escoteiros portugueses, e cuja realização tanto dignificará o nosso Movimento.

J. VIEIRA

Na hora da partida para o Acampamento Nacional

NEM ZULOS NEM «DANDIES»!

Chegou o Verão. Chegou a época em que todos estamos atarefados com a preparação do nosso equipamento para irmos acampar, porque é natural que todos os escoteiros, grandes e pequenos, estejam desejando correr «a grande aventura» de um acampamento escotista. Por conseguinte, chegou a hora das eternas discussões nas patrulhas sobre o que deve levar-se para o campo e o que se não deve levar, que coisas são «escotistas» e que coisas serão um luxo num acampamento de escoteiros.

Os partidários do «primitivismo» e os adeptos do «conforto» têm os seus respectivos pontos de vista e os seus argumentos, que consideram os mais consistentes, e por isso a polémica é eterna. Teremos que dizer mais uma vez que no meio termo devemos encontrar a solução? Creio que sim; nem o primitivismo até o extremo de se fazer vida de zulo, nem pelo contrário, instalar acampamentos com tais comodidades que pareçam o Hotel Avis.

O essencial nos nossos acampamentos, sejam tão sòmente de patrulha, sejam de aspecto internacional, é que conservem esse alegre espírito e esse carácter original que os distingue de quaisquer outros tipos de campos desportivos, culturais ou de repouso. E isso, em verdade, não é consequência directa do maior ou menor luxo das instalações e equipamentos individuais, mas do carácter prático no seu aspecto campista e do programa escotista que presida à vida do acampamento.

É exagerado afirmar que tudo quanto é rudimentar, primitivo e selvagem, é escotista: que é mais escotista dormir recostado num pedregulho que apoiando a cabeça numa almofada de lã; que está mais próximo do ideal B.-P., o que pica as batatas do seu prato com um pau, que o que usa um garfo.

Tudo isso seria corroborar a teoria de que o Escotismo pretende converter os rapazes em autênticos Matabeles, tão rudes e selvagens como aqueles com quem teve de pelejar B.-P. nos seus tempos de jovem oficial destacado em África.

Sem dúvida nenhuma, esta teoria é falsa, porque, precisamente, o Escotismo pretende tudo o contrário: civilizar, educar, cuidar daquilo que não faz a escola, isto é, forjar um homem de carácter, de honra. Porém, um carácter e uma honra de cidadão.

O que acontece é que nisto do Escotismo todos nós sabemos mais que o próprio B.-P. e, agarrando a frigideira pelo cabo, interpretamos as coisas de acordo com as nossas próprias ideias. Lá porque B.-P. explique num dos seus livros a forma de improvisar com um pauzito uma espécie de brocha com que se pode limpar a nossa dentadura, não quer dizer que tenhamos de abandonar os práticos serviços de uma escova de dentes. Da mesma maneira, não há razão alguma para desprezar um colchão, só porque seja possível dormir no chão com relativa comodidade (contanto que não exista humidade e que prèviamente tenhamos feito o buraco preciso para aí colocarmos os ilíacos).

Não, o escoteiro não é um ser raro que prefere sempre o pior. O que sucede é que um bom escoteiro está o suficiente preparado para não se preocupar excessivamente por haver esquecido a sua escova de dentes, ter perdido a sua colher, ou carecer de um colchão; porque tem confiança em si mesmo e sabe como suprir essas faltas no seu equipamento.

Porém, o material escotista para um acampamento deve ser racional e moldado às circunstâncias. Se tendes um saco de dormir, levai-o, pois é melhor que as mantas. Se tendes uma tenda de montanhismo, preferi-a sem vacilações à barraca que podereis improvisar no campo com umas lonas e ramos de árvores... Que não falte na vossa mochila uma escova de dentes, pasta dentrífica, pente, sabão; ainda que seja possível lavar-se as mãos com areia e água, asseguro-vos que será mais fácil lavá-las com sabão do que com areia. E que não vos esqueçais da colher; não sei porquê, mas é mais fácil comer a sopa com a colher «civilizada» que com a que possamos recortar num dado momento com a navalha e um pau, ainda que esta seja mais escotista que aquela.

O luxo no equipamento de um escoteiro é desnecessário. Mas não é um luxo aquilo que permite viver e comportar-se como um cavalheiro, ao que está costumado a sê-lo fora do acampamento. E não vos preocupeis muito com os que se riem da escova de dentes, considerando-a pouco escotista, porque é possível que não saibam para que serve esse utensílio. Nem tampouco dos que não podem privar-se por uns dias de um frasco de perfume, porque os pobrezitos não sabem ainda como é bom o aroma dos pinheiros.

Preparai o vosso equipamento individual como seres normais que sois, e o equipamento colectivo adaptai-o ao plano do acampamento.

Marchai com ânimo alegre e desejo-vos que passeis uns dias muito felizes.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

O ESCOTISMO NA CAPITAL

ESCOLA CENTRAL DE GUIAS

Começaram a prestar provas finais os escoteiros inscritos na Escola Central de Guias, que, sob a direcção dos Chefes Prof. Júlio Santos e João Clímaco do Nascimento, funciona na Sociedade de Geografia de Lisboa, tendo como instrutores o Chefe Raul Matoso e Alfredo Tovar de Lemos, tendo efectuado para este fim um acampamento na Paiã nos dias 29 e 30 de Julho findo.

ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 93—SINTRA

A Região Centro colaborou nas comemorações do 16.º aniversário do Grupo de Sintra, tendo efectuado um acampamento numa excelente propriedade em S. Pedro de Sintra, no qual tomaram parte, além do Grupo em festa, deputações dos Grupos de Lisboa, n.os 1, 2, 5, 13, 53, 79, 85, 94 e 99; 84 do Entroncamento, num total de 140 escoteiros, e ainda o Grupo de Sintra, do C. N. E.

No sábado à noite houve fogo de conselho, no fim do qual o 93 ofereceu um *copo de água* às entidades convidadas, durante o qual foram feitos diversos discursos de felicitações ao Grupo em festa, que o Chefe Pereira Soares agradeceu.

Durante o dia efectuaram-se trabalhos de campo e à tarde uma festa, durante a qual os Grupos apresentaram canções e foi feita distribuição de recompensas a vários escoteiros do Grupo 93. O Chefe Geral Sr. Tovar de Lemos visitou o acampamento, acompanhado do Secretário das Relações Internacionais, Sr. Eng.º Nobre Santos, tendo aquele Chefe feito um largo discurso no qual se referiu aos planos de trabalho para o ano corrente.

Levantado o acampamento os escoteiros desfilaram até à sede do Grupo 53.

ACAMPAMENTO REGIONAL

Nos dias 5 e 6 de Agosto corrente, a Região Centro efectuou um acampamento Geral na Paiã, com a comparticipação dos Grupos n.os 1, 2, 5, 9, 13, 53, 85, 93, 94 e 99, num total de 127 escoteiros. O Escoteiros Seniores dos *Éclaireurs de France*, que se encontravam em Lisboa, passaram a noite no acampamento, tendo tomado parte no fogo de conselho que nessa noite se efectuou.

Durante o dia, os Grupos dedicaram-se a diversos trabalhos de campo, muito prejudicados pelas más condições do local.

A Direcção dos Escoteiros de Portugal ofereceu duas taças para serem disputadas neste acampamento, tendo cabido o prémio de maior comparência ao Grupo 53, classificando-se em primeiro lugar, com igual número de pontos, no concurso de trabalhos e montagem de campo, os Grupos 9, 53 e 94. A taça respectiva coube, por sorteio, ao Grupo n.º 9.

Ao fim da tarde os Grupos regressaram a Lisboa.

CHEFIA REGIONAL

Nomeação—Pela ordem de serviço n.º 1 da Região Centro, foram feita as seguintes nomeações:

Para adjunto da Chefia Regional o E. S. João Patrício de Melo;

Para os cargos de Secretário e Tesoureiro do Conselho da Região, os E. S. Capitolino Macedo e Armando Lino, que haviam sido eleitos para este Conselho numa reunião de Chefes.

GRURO N.º 94

Comemoração do XVI aniversário — Este Grupo promoveu diversas festas para comemorar a passagem de mais um aniversário.

No dia 8 de Julho p. p., com a presença do Chefe Regional Adjunto João Patrício Melo e de sua Esposa, foi servido na sede um chá de confraternização a todos os escoteiros e lobitos do Grupo.

No dia 9, domingo, realizou se na Igreja Evangélica Ajudense, a que este Grupo está adido, um culto de acção de graças, tendo dirigido o serviço o presbítero daquela Igreja Sr. António Pinheiro, que dirigiu palavras estímulo aos escoteiros.

No dia 11, disputou-se na sua sede um torneio de pingue-pongue entre os diversos departamentos da Sociedade Juvenil Renascença Cristã em que este Grupo está integrado, tendo saído vencedor o Departamento Desportivo.

Para encerrar as comemorações, no dia 13 realizou-se uma sessão em que estiveram presentes os Srs. Ernesto Clímaco do Nascimento e João Patrício de Melo, respectivamente Escoteiro Chefe da Região Centro e seu Ajudante, e o Sr. José Manuel Miranda de Melo, Chefe do Departamento de Propaganpa e Divulgação.

Foi orador oficial o nosso camarada de redacção Sr. Faustino Leitão, pai do E. S. do Grupo 94, Ernesto Leitão, que se encontra a prestar serviço na Índia Portuguesa. O orador fez apologia do Escotismo como movimento educativo de singular eficiência, apontando como exemplo vivo das suas palavras, o seu filho, que mesmo longe dos seus, continua fiel ao Ideal que tomou para si.

Depois da aposição de mais uma estrela na bandeira do Grupo, falou o Chefe Regional, que teve palavras de muita simpatia para com este Grupo.

A reunião terminou com a passagem de filmes educativos, por amável deferência do Sr. Ruben Constantino.

• • o • •

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

Comemorações do LXX Aniversário

Esta simpática agremiação comemorou nos passados meses de Junho e Julho a passagem do 70.º aniversário, com um bem elaborado programa, onde avultava a sessão para leitura de produções e entrega dos prémios aos vencedores dos Jogos Florais promovidos por esta associação.

No dia 10 de Junho, os Professores e os alunos da instituição foram em romagem ao mosteiro dos Jerónimos depor um ramo de flores no túmulo de Luís de Camões, e à noite realizou-se a sessão comemorativa, em que foram distribuídos prémios aos alunos mais aplicados dos dois últimos anos lectivos, e de placas comemorativas aos Professores. O director da Escola Comercial, Dr. Hermínio Paveia, dirigiu uma alocução aos alunos.

Do resto do programa das comemorações, faziam parte diversas competições desportivas e bailes.

IV Exposição Fotográfica de Campismo

Até ao próximo dia 30 de Setembro, esta agremiação recebe as fotografias para a IV Exposição Fotográfica de Campismo que vai promover. Podem concorrer todos os fotógrafos amadores.

LEITOR AMIGO

Interessa-te o SEMPRE PRONTO? Propaga-o entre os teus amigos.

O ESCOTEIRO FRENTE À VIDA

Quando se é jovem, vive-se cheio de ilusões, pensando numa vida feliz; vemos tudo cor-de-rosa, sem sabermos que no seu transcurso ela muda tanto e que é muito frequente que o rosa se transforme em negro tão escuro que faça o nosso caminhar trôpego num pessimismo que termine por destroçar a nossa existência.

É muito conveniente fazer compreender à juventude que a felicidade chega depois do sacrifício. Há que prepará-la para saber defender-se sempre em qualquer circunstância que possa vir mudar o seu rumo. E, essa defesa, já criada no indivíduo, transformar-se-á na devida oportunidade na força necessária para fazer frente aos desenganos. Ele deve saber conduzir-se sòzinho em todo o momento, porque os companheiros desgraçadamente não se encontram quando deles se necessita em ocasiões de apuro. Todos fogem do que procura ajuda e, se alguma coisa fazem, ainda aumentam mais os seus sofrimentos.

Talvez seja o escoteiro, enrijado numa vida de acampamentos, quem encontre caminhos mais planos para o seu desenvolvimento, pois, com a base da sua disciplina, habituado a uma visão real dos novos horizontes, sente sobre a sua pessoa a firme vontade de saber olhar cara a cara as situações adversas que possam apresentar-se-lhe.

Os factos demonstram que o que foi escoteiro em jovem conservou e aplicou as lições proveitosas que aprendeu outrora, quando supunha que lhe não eram necessárias; houve um que serviu de exemplo a todos os demais demonstrando que o homem deve manter-se integralmente optimista em conformidade com os factos ocorridos. Se estes forem muito dolorosos, maior motivo haverá para enfrentá-los com mais galhardia.

Com dezanove anos de idade, um antigo escoteiro, que se encontrava na frente de batalha, caiu gravemente ferido por uma granada artilharia. Transportado ao hospital de sangue, foi necessário amputar-lhe o braço direito. Os dias amargos de tratamento e de completa invalidez foram passando, e aquele corpo pouco a pouco foi recobrando a vida, mas já não como anteriormente, pois, com tristeza reparava na sua inutilidade, que o afundava moralmente no mais profundo abismo do desespero. Por todos os meios era necessário evitar o desenlace fatal a que esse estado o conduziria. E aquele jovem, desejando tornar a ser útil, teve a energia de reeducar-se. Muitos meses necessitou para vencer as dificuldades que encontrou nos primeiros dias, mas lentamente conseguiu alcançar o que sonhava. Cada vez se sentia mais apto a prover às suas necessidades, até que chegou por fim o momento de não precisar de recorrer a ninguém. Começou a vislumbrar claridade na nebelina que o envolvia desde a sua mutilação, e, a pouco e pouco, a mão esquerda desempenhava os serviços que a direita tinha deixado de prestar. A sua profissão era ajudante de guarda-livros, cargo que voltou a exercer, para depois em alguns anos, aperfeiçoado em todos os aspectos, chegar a ser contabilista de uma empresa, onde todavia se pode vê-lo trabalhar.

A sua constância deu-lhe o triunfo ansiado. Não quis permanecer inactivo e no trabalho encontrou a forma de igualar-se àqueles que eram como ele mesmo tinha sido. Vemos, pois, com isto que não há nada impossível para quem souber lutar com tenacidade e conservar-se calmo ante a adversidade. O êxito coroará as suas aspirações, mas para isso há que contar com uma grande confiança em si mesmo, que se adquire, criando o jovem num ambiente pleno de responsabilidade e onde, por meio de jogos, a disciplina não seja a que se aplica a um, mas a que cada um impõe a si próprio, sabendo que esta será mais tarde a melhor arma na sua nobre luta.

Em resumo, considerando a dor como uma fonte de sabedoria, obriga-nos a adquiri-la antes de sofrê-la, para que, por esta forma, nos encontremos em condições de suportá-la, com a certeza de sairmos vitoriosos das provas que Deus Se digne enviar-nos.

Podem alguns julgar os meus pensamentos demasiado realistas, mas não tive em mira fazer este artigo de fantasia literária; quis sòmente levar ao ânimo dos jovens escoteiros a conduta a seguir em caso de se ter de viver bastante mal durante algum tempo, como aconteceu ao antigo escoteiro da minha narração, que conheço muito bem, por ser eu próprio.

JOAQUIN PEÑARROYA

Baden-Powell — e pensamos que não haja qualquer chefe que queira ter conhecimentos superiores aos do grande chefe mundial — todos os anos relia o «Manual do Escoteiro» por ele escrito e sempre — era ele quem o afirmava — encontrava novos aspectos e lições nesta obra, não obstante ter sido ele o seu autor.

DAVID M. DE BARROS

RECORTES

Da excelente obra do Abade Jacques Sevin "Le Scoutisme„ transcrevemos, com a devida vénia, uma parte do capítulo «O Escoteiro-Chefe», que oferecemos à meditação dos nossos camaradas dirigentes escotistas.

O que deve ser o Escoteiro-Chefe

Primeiramente, como base fundamental, o Escoteiro-Chefe será um cavalheiro, um homem culto e um desportista. Estes títulos essenciais são o equipamento de todo o homem completo, independentemente da sua classe social, da sua fortuna e das suas capacidades intelectuais.

Será «*um cavalheiro*», e isto se compreende, pois que deve fazer cavalheiros dos recrutas que a ele chegam. Portanto, deve ter delicadeza de alma, nobreza de alma, qualidades que se podem possuir sem ser um «senhor» de casaca e sapatos de verniz. Será «*um desportista*», e é muito claro que um homem de secretaria não poderá acomodar-se ao campismo e a todo o trabalho escotista; Será «*um homem culto*», não se dirá instruído — quer dizer um homem que seja sensível à beleza e ao melhor de todas as coisas, que detesta tudo o que é mau, vulgar e de terceira ordem. O homem que negligencia uma coisa bela, que a não sabe fazer admirar pela criança, ou que prefere uma coisa vulgar, fará um mau Escoteiro-Chefe.

Será *um Escoteiro.* — Acima de tudo, que não seja um «pedagogo». O Escotismo nasceu de uma reacção contra o ensino puramente livresco, contra a instrução separada da educação. O chefe do grupo é, portanto, antes de mais nada, algo diferente de um professor. Não é um senhor que dá lições, e os seus métodos não são os de um doutor em letras. É mestre — «*master*» — é verdade, mas é mestre-escoteiro, e não terá êxito se não for tão Escoteiro como o mais *rapaz* dos seus rapazes. Dignidade solene, sermões, tudo o que é ensaiado não impõe, mas é imposto, está fora de propósito Terá ao contrário nas suas atitudes qualquer coisa de «bom tipo», contra o que não há necessidade de se pôr em guarda, qualquer coisa dum irmão mais velho já casado, homem de experiência e que conhece a vida; e a sua pedagogia pode não ser muito universitária, não será por isso menos delicada, esclarecida, humana, e mesmo divina, porque ele reunirá a qualidade de Mestre que não abriu um curso de religião, mas que ensina através dos caminhos, ou assentado na erva, em conversação e fazendo que os seus discípulos descubram por si próprios as verdades de que ele os quer penetrados.

E como os rapazes têm uma «capacidade extraordinária pelo culto dos heróis», é preciso, sim, que o Escoteiro-Chefe seja o herói dos seus Escoteiros, o seu grande homem, quer pela sua competência, o seu humor, a sua prática, a sua rectidão cavalheiresca, pela sua fidelidade à Lei, encarne o seu ideal, quer seja o primeiro Escoteiro do seu Grupo, e nesse caso será verdadeiramente o mestre, o Mestre-Escoteiro.

Para saber comandar, e mesmo para saber ensinar, é preciso amar. Amará os seus rapazes de uma afeição prudente. Deve-se guardar ele próprio e «guardar o seu coração»; ocupar-se de cada um em particular; mas se quer toda a sua força de acção, é necessário que seja possuído de amor pela juventude em geral e não por uma afeição pessoal; que se interesse tanto pelo rapaz crescido de cabelos vulgares, marcado de sardas, como pelo querubim do tipo clássico de menino de coro. «Porque a afeição que tem um real valor e que provoca uma reciprocidade da criança, não é a afeição que consiste em carícias e lisonjas ou — outro extremo — fazer-lhe sermões de manhã à noite: é a afeição, sempre viril na sua expressão, governada pelo bom senso e cujo fundo é em suma o desejo de dar e não de receber».

Será *um Pai.* — Verdadeiramente esta é uma afeição *paternal.* «Tomando os rapazes a seu cargo, o Chefe assume, de certa maneira, a missão de um pai e isto, num período muito crítico da sua vida, no momento mesmo em que eles estão numa encruzilhada de caminhos... A fim de os orientar na sua boa rota, a fim de tomar a mão a cada alma e desenvolver as suas inclinações pessoais para o bem. Dele depende em grande parte que o prosseguimento da vida da criança seja um sucesso ou um desastre. Magnífica ocasião oferecida a quem quer fazer bem neste mundo, e que tem a vocação; mas ao mesmo tempo, grave problema que se não examina sempre com suficiente serenidade antes de se encarregar dos deveres de Escoteiro-Chefe A cada Chefe incumbe portanto a obrigação de regular a sua conduta e o seu carácter de tal sorte que seja um exemplo para os seus rapazes».

Será *um apóstolo.* — Pode-se ir mais longe ainda. Porque, enfim, disse Miss Barclay, dirigindo-se aos Chefes dos Lobitos, porque se tornou Escoteiro-Chefe? Por razão natural: se tem piedade dos pequenitos abandonados sem amigos e sem alegria; por razão intelectual, porque se sabe que, «tomando» o rapaz entre os 8 e 10 anos, se está seguro de o ter *a tempo;* ou enfim, por motivo sobrenatural: a convicção que fazemos excessivamente para assegurar a saúde eterna da criança.

Transformar um garoto da rua em Lobito, depois em Escoteiro e finalmente num bom cidadão, é um ideal esplêndido, é uma razão suficiente para se tornar Chefe de Lobitos. Mas além disso, ser bom cidadão, não é senão servir as autoridades deste mundo.

.....

ORGANIZAÇÃO DE UM CAMPO-ESCOLA

(Continuação do número anterior)

III — ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA:

1 — Regulamento do campo-escola (podemos enviar ante-projectos aos interessados);

2 — Impressos necessários para uso exclusivo;

3 — Fichário e arquivo, para guardar, respectivamente, as fichas indispensáveis à boa organização, e os documentos próprios.

IV — MATERIAL DE CAMPO:

Deverá ser guardado e conservado num almoxarifado no próprio campo-escola, e que servirá tanto para os Cursos, como para as actividades gerais e que, de acordo com os recursos financeiros, deverá ser composto, no mínimo, de: barracas completas, lanternas, pás, picaretas, machados e apetrechos de cozinha.

V — MANUTENÇÃO:

1 — Por verba que, de acordo com suas necessidades, lhe for concedida pela respectiva entidade;

2 — Pelas quotas que forem pagas pelos acampadores;

3 — Pelos saldos dos Cursos de Chefes.

VI — DIRECÇÃO:

Um Director e um Auxiliar.

VII — PROGRAMA DE CAMPO (Curso de Chefes — Sugestão):

6,30 — Alvorada — Café;

8,00 — Oração — Hasteamento da Bandeira Nacional;

8,30 — Inspecção dos sub-campos;

9,00 — Instrução (pela Direcção do Curso);

12,00 — Almoço;

14,30 — Instrução (pela Direcção do Curso);

18,00 — Jantar;

20,30 — Fogo do Conselho;

22,30 — Silêncio.

(Continua na 8.ª página)

O PERIGO DAS CASCAS DE LARANJA NA VIA PÚBLICA

Veio há pouco nos jornais portugueses a notícia, para muitos estranha, de que na parte de Nova Iorque onde já existem receptáculos para o papel usado, cascas de fruta, etc., se tinha estabelecido a multa de 500 dólares para quem atirasse tais refugos para o chão. Não se discute aqui o quantitativo da multa, nem se trata mesmo de apreciar essa forma de repressão: mas a verdade é que de tão mau hábito grandes perigos resultam, sobretudo quando se trata de cascas de laranja, de banana e, em geral, de quaisquer dejectos com qualidades similares.

A este respeito, bastantes reclamações têm chegado recentemente à Liga de Profilaxia, mas bastará citar dois casos típicos. Na Rua de Cedofeita, um conhecido advogado portuense escorregou numa casca de banana, das muitas descuidosamente lançadas à via pública, e, caindo para o leito da rua, teria fatalmente sido esmagado por um carro eléctrico que passava, se o guarda-freio o não tivesse travado bruscamente. Assim, a sua vida ou, pelo menos, a sua integridade física, estiveram sèriamente ameaçadas e só quase milagrosamente se salvaram: ora se ele tivesse morrido atropelado, — e bastantes casos fatais se registam — isso representava para a sociedade a perda prematura dum valor, e para as famílias a perda irreparável do seu chefe e do seu bem estar, senão mesmo do seu pão; e, se ficasse estropiado para toda a vida e impossibilitado de trabalhar, era do mesmo modo a miséria para todos, arrastada porventura por longos anos.

O segundo caso típico passou-se na Rua de Fernandes Tomás, onde uma pessoa de idade, igualmente escorregou no passeio numa casca de laranja, caindo para trás desamparadamente. Felizmente que também nada sofreu senão o susto, — o que aliás já lhe poderia ter abalado o coração, — sendo logo caridosamente levantada por pessoas que passavam no local, verificando em seguida com alívio que não tinha quebrado uma perna ou um braço. E é claro que, tal como o advogado da Rua de Cedofeita, lhe poderia ter acontecido cair para o leito da rua e ficar debaixo de algum automóvel ou eléctrico que passasse, e que não tivesse já possibilidades de meter os travões a fundo.

Porém, ainda que só partisse uma perna, ou um braço, o que é que isso pode representar de muito grave para um septuagenário? Uma perna que não mais soldasse, e o obrigasse a ficar de cama para o resto dos seus dias, constituindo duro encargo para a família; as fracturas dos velhos são muitas vezes impossíveis de soldar. E se se tratasse dum braço, e esse braço fosse o direito, como esse homem, apesar de septuagenário, ainda trabalha com uma pena para acudir à carestia da vida, era esse importante recurso que passava a faltar-lhe e aos seus, — tudo por culpa dum anónimo ignorante ou criminoso que não reflectiu nessas coisas.

E se o pobre homem morresse? Poder-se-á pensar, aliás desumanamente: trata-se apenas de um velho destinado a morrer em breve... Mas esse velho é um reformado, e a sua pensão de reforma constitui o sustento da família. Voltamos pois assim as consequências já apontadas para o primeiro caso que descrevemos: uma família na miséria, e mais um encargo para a Assistência. E tudo porquê? Porque um transeunte descuidado, ao comer uma laranja na rua, lançou as cascas para o chão, sem reflectir nas possíveis consequências do seu acto — ou, no caso pior, sem se importar com elas.

Mas além do que fica dito, lançar o refugo para a rua, tornando-a imunda, é um acto de má educação. E todos os povos que têm brio reformam os seus maus costumes e criam hábitos de limpeza, — e de consideração pela existência alheia, — ainda que um polícia não esteja ali à vista... Será lícito esperar que os portugueses enveredem espontâneamente, por esse bom caminho? Seria muito mais bonito do que tornarem-se precisas as sanções.

Já de há muito que as edilidades dos nossos maiores centros populacionais, — tal como as de Nova Iorque... e de todas as terras civilizadas — providenciaram no sentido de haver, ao menos nas ruas centrais, receptáculos para todos os refugos. Foi uma medida salutar, sob variados aspectos, e só é para desejar que se espanda cada vez mais. Ora porque não hão-de todos os portugueses, que certamente em sua casa exigem asseio e se exaltam quando vêem pelo chão papéis, cascas e lixo, porque razão não hão-de eles comprender que a rua é *a casa de todos*, e que por isso também aí se impõe que ninguém a conspurque e a torne em repelente chiqueiro — isto afora os sérios riscos que as cascas de laranja representam, e que já acima ficaram apontados?

Cremos pois que bastará um pouco de reflexão, de civismo, de amor pelo asseio e de consideração pelo próximo para acabar com este estado de coisas. Lembre-se cada um de que amanhã poderá ser ele próprio a vítima de tais maus hábitos e imprevidências.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Associação dos Escoteiros de Portugal

SERVIÇOS CENTRAIS

Movimento de Caixa do 2.º Trimestre do Ano de 1950

RECEITA

Cotizações		
Grupos	650$00	
Dirigentes	777$50	
Auxiliares	325$00	1.752$50
Donativos e Subsídios		
Diversos		11.000$00
Despesas gerais		
Telefonemas recebidos		11$00
S. M. U.		
Compradores c/antiga	512$70	
Vendas	2.655$10	3.167$80
Esc.		15.931$30

DESPESA

Despesas Gerais		
Rendas	1.200$00	
Água, luz e limpeza	322$30	
Correios, Tel. e Telef.	190$20	
Impressos e Secretaria	113$40	
Diversas	176$80	
Despesas de cobrança	172$30	2.175$00
Encargos de Gerência Antiga		
Débitos liquidados		2.241$85
Donativos e Subsídios		
Diversos		536$00
S. M. U.		
Fornecedores c/antiga	7.119$40	
Mercadorias	2.585$20	9.704$60
Esc.		14.657$45
Saldo para Julho Esc.		1.273$85
Esc.		15.931$30

N. B. — Não é indicado o saldo do 1.º Trimestre em virtude de estarem ainda por encerrar as contas da última Direcção.

Lisboa, 30 de Junho de 1950.

O Tesoureiro Geral

EDUARDO RIBEIRO

MR. PERCY CAGE

O Comissário Adjunto da Região de Croydon (Londres), Sr. Percy Cage, visitou Lisboa no passado mês de Julho, onde esteve a passar alguns dias de férias.

Aproveitando a oportunidade e para colher algumas impressões sobre o Escotismo em Portugal, aquele dirigente escotista visitou os grupos n.ºs 1 e 94 e assistiu a uma festa escotista do Grupo n.º 53. Além disso, visitou ainda a Sede Central, onde foi recebido pelo Escoteiro-Chefe Geral, Sr. Luís Tovar de Lemos.

INQUÉRITO AOS GRUPOS DA CAPITAL

O Grupo n.º 1 ensaia os primeiros passos após longa inactividade

Sempre ouvimos dizer que os últimos são os primeiros, e com estas entrevistas sucedeu o mesmo.

O Grupo n.º 1 da A. E. P., o primeiro a ser entrevistado segundo a ordem numérica, só o foi agora porque, quando do início desta «ronda», ele ainda não se tinha reorganizado.

E fica bem encerrar o ciclo das entrevistas de Lisboa com um Grupo como este.

O «1», o Grupo das tradições, o Grupo que... Paremos! Quem necessita de apresentação? Nem se torna necessário avivar a sua história. Basta lembrar que por ele passaram Frank Giles, Ernesto de Sousa, Eric Moreton, Albano da Silva, Leão de Almeida, Sigwald Viborg, Nascimento Freire, Cosme Vieira Leitão, Humberto Martins, Francisco Leote, João Clímaco do Nascimento, Dr. Leopoldo de Figueiredo e... onde pararíamos se pudéssemos continuar. Basta enunciar alguns destes nomes para termos bem presente o que ele fez, o que fez o Escotismo no seu tempo. Todavia, e após uma «morte» de uns 14 anos, o 1.º Grupo da Associação dos Escoteiros de Portugal «ressuscitou» e voltou para a casa que o viu nascer, para a casa onde nasceu o Escotismo metropolitano: na Associação Cristã da Mocidade, a mesma simpática colectividade que agora não se furtou a dispensar uma das suas poucas salas para ver de pé o seu Grupo de Escoteiros.

Isto contou-nos o actual Chefe do Grupo, o nosso amigo José Ferreira da Silva, a quem pedimos que nos falasse do seu Grupo, pois sabíamos que ele tinha muito para contar, não obstante a nova vida durar sòmente há um ano.

Estávamos na sala-sede do «1». Os rapazes evolucionaram no campo de jogos e no ginásio da A. C. M. (o que esta colectividade não cede?) sob as ordens do Instrutor do Grupo, o antigo escoteiro Otelo Henrique de Sousa. Ferreira da Silva começa:

— O Grupo n.º 1 pode considerar-se ainda em reorganização. Trata-se de uma luta muitò grande, esta que nós travámos, ao ponto de a considerarmos titânica, pois nos tem gasto bastante; as canseiras que um Grupo em reorganização impõe!

E prossegue:

— Um dos principais obstáculos com que lutamos é a falta de meios financeiros, pois quanto a material, já não existia nenhum à data em que para cá voltámos.

Aqui impunha-se uma nossa pergunta:

— Então os antigos escoteiros não ajudam o Grupo?

— ... Vamos iniciar uma campanha para sócios auxiliares, com que contamos angariar fundos para fazer face às primeiras «impressões».

E após esta nossa interrupção, o Chefe do «1» prossegue:

— Alegra-nos bastante encontrarmos algumas pessoas que nos têm ajudado imenso, das quais destacamos a Associação Cristã da Mocidade e um antigo escoteiro. Aquela, não nos pode ser mais amável, e este vai ao ponto de sacrificar a sua vida profissional para nos prestar a sua assídua e indispensável colaboração.

E com verdadeiro entusiasmo:

— A este antigo escoteiro e à A. C. M., deve-se, em grante parte, o encontrar-se hoje o «1» em actividade!

— E quais são os vossos projectos? — inquirimos:

— «Pensamos lançar duas campanhas: Para já, a Caixa de Auxílio do Grupo, e para depois, para melhorar as nossas instalões, construindo uma sede no terreno da A. C. M., iniciativa a que demos o nome de «Casinha do Escoteiro».

— Têm recebido apoio?

— Sim. Já temos recebido algumas cartas de antigos escoteiros que bastante nos alegram.

Voltámo-nos então para os números.

— Qual é o efectivo do Grupo?

— Este Grupo, que tem em actividade 2 patrulhas juniores e 3 seniores, mantém actualmente no efectivo 21 escoteiros, 6 aspirantes e 3 lobitos, digidos por 1 Chefe de Grupo, 1 Chefe de Serviços Administrativos e 1 Instrutor. Dos escoteiros, 18 estão fardados.

Confessámos sinceramente a nossa admiração, e ao perguntarmos sobre actividades, ouvimos:

— A nossa actividade neste primeiro ano tem sido limitada a passeios. Se quisemos fazer acampamentos foi com material cedido por amigos e pela Secção de Campismo da A. C. M.

— E o «1» já estará presente no Acampamento Nacional?

— Bem. Nós temos a dificuldade de só podermos ir no fim da semana porque não temos rapazes disponíveis nessa ocasião; todavia, e mesmo assim lá estaremos!

— E quanto ao Concurso Interpatrulhas e à Escola de Guias?

— Ao Concurso também não faltaremos, e na Escola mantemos 8 escoteiros com óptimos resultados.

Jorge Correia, o Guia da Patrulha «Galo» elucidou:

— Todos os escoteiros estão maravilhados, não só pelo interesse que a Escola tem, como pela disciplina, etc.. A minha impressão é totalmente boa.

* * *

Uma rápida ida ao Ginásio da A. C. M. e eis-nos com os rapazes que faziam vários exercícios. Aproveitámos para interrogar um ou outro.

O primeiro: Duarte Gil Mendonça, de 15 anos, da «Melro»:

— Temos realizado alguns passeios, 1 acampamento e esperamos melhorar no futuro. Também esperamos o material prometido pela A. E. P. pois sem ele a nossa tarefa será difícil.

Outro: o Jorge Correia, de 18 anos:

— Espero que a minha Patrulha venha a ser das melhores da Região. Para isso trabalhamos. Já participámos em 1 bivaque em Sintra em conjunto com o Grupo, e no qual ganhámos o 1.º prémio no seguimento de úma pista.

E finalmente: Alfredo Simões Mateus que diz ter muitos planos mas pouco dinheiro...

— Por isso, também sou dos que esperam a tal promessa de material...

E estava feita a entrevista do «1».

Encantados, dispúnhamo-nos a sair, quando ouvimos uma vozinha a chamar. Tratava-se de um lobito, ou melhor de um lobitozinho, possuidor de uns encantadores olhos.

E perante a admiração de todos, disse:

— Não se esqueça de dizer no jornal que eu estou cá...

— Então quem és tu?

— O Nuno Manuel Bartolo.

— E que idade tens?

— ...4 anos.

E então calculámos que está muito bem proporcionado, com 4 anos de idade e 4 palmos de altura...

Voltámos a interrogá-lo, e, pestanejando os tais lindos olhos, sentenciou:

— Serei um bom escoteiro, quero ir para o acampamento e ficar lá até para o ano, e cumprimentos aos lobitos dos outros Grupos...

Verificámos, porém, que o Nuno Manuel não espera pelo material da A. E. P....

CARLOS FERNANDO GARCIA

ORGANIZAÇÃO DE UM CAMPO-ESCOLA

(Conclusão da 6.ª página)

Vantagens — As vantagens proporcionadas por um campo-escola, apresentam inúmeros aspectos e são fundamentais para a vida do Movimento. Dentre os factores positivos destaca-se a possibilidade de dispor-se de um local permanente, reunindo todos os requisitos da técnica escoteira, para todas as actividades, evitando-se, outrossim, a perda de tempo e outros precalços com o transporte do material de campo, pois este se encontrará à disposição dos acampadores no almoxarifado do campo-escola.

Ambiente — Para obter um Curso perfeito, é de suma importância conseguir e manter condições propícias no que concerne a tudo o que rodeia o aluno-chefe, no período do seu aperfeiçoamento; isto é, o complexo de todas as circunstâncias, que denominamos «ambiente», deve corresponder bem ao fim em vista.

Finalidades: modelo de um campo escoteiro; local para actividades, e, principalmente, para a realização de Cursos de Chefes Escoteiros. Um campo-escola, no verdadeiro sentido escoteiro, deve estar devidamente instalado e aparelhado para poder proporcionar aos alunos-chefes conhecimentos técnicos, pedagógicos e psicológicos que os mesmos possam utilizar de forma adequada, e proporcionar aos seus escoteiros, o método e o ambiente escoteiros.

Os Chefes, pela vida de campo e pelo conhecimento da metodologia das provas, pedagogia, organização e doutrina escoteira, tornam-se aptos para o desempenho da sua nobre missão: educar a mocidade, pela sua capacidade e pelo seu exemplo, proporcionando aos escoteiros os ensinamentos e elementos essenciais para a formação da sua personalidade, a fim de que possam viver de acordo com a Lei e Deus, e os ideais da Humanidade.

JOÃO MÓS

O ACAMPAMENTO NACIONAL

Efectuar-se-á em Carcavelos, nos dias 14 a 21 de Setembro próximo

A Chefia Geral comunicou já às Regiões e Grupos que o Acampamento Nacional se efectuará de 14 a 21 de Setembro próximo.

Espera-se que participem neste acampamento as Regiões Norte, Centro e Sul e aguardam-se notícias dos Açores.

O acampamento será visitado pelos Dirigentes Escotistas estrangeiros que vêm a Portugal tomar parte nas Conferências Internacionais que aqui se realizam.